

## A CONSTRUÇÃO POÉTICA DO ESPAÇO URBANO DA CAPITAL ALAGOANA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *NINHO DE COBRAS*, DE LÊDO IVO<sup>1</sup>

Jairo José Campos da COSTA<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho objetiva mostrar os resultados parciais da pesquisa Narrativas alagoanas em foco: oficinas de leitura/análise literária das obras *O Anjo*, de Jorge de Lima, *Angústia*, de Graciliano Ramos, *Ninho de Cobras*, de Lêdo Ivo, *Dunas*, de Breno Accioly e *Lãs ao Vento*, de Arriete Vilela, sob o olhar dos estudos de Literatura e Sociedade, vinculada ao Núcleo de Pesquisa em Literatura – NUPEL/Campus V – União dos Palmares/Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Neste sentido, é feita uma análise do Romance *Ninho de Cobras*, de Lêdo Ivo, a partir da categoria espaço, cruzando teoricamente com a vertente da crítica literária denominada, nas palavras de Terry Eagleton (2006), de crítica política. Trocando isso em miúdos, observa-se que o romance em discussão, a partir de sua estrutura interna, dos elementos que lhe conferem literariedade, consegue fazer uma feliz transferência da realidade para o espaço simbólico da arte literária, na medida em que (re)constrói, esteticamente, o espaço urbano da capital alagoana, Maceió. Nesse espaço são pintados personagens que, em suas diferenças sócio-econômicas, reproduzem a história de miséria, patriarcalismo, conservadorismo, hipocrisia e exploração desse Estado brasileiro marcado, historicamente, pelas distorções sócio-econômicas que, há muito vem gerando problemas como: exploração sexual de mulheres, preconceito contra os homossexuais, tortura e a indústria do crime de mando, para melhor definir isso, trazemos uma expressão muito recorrente no romance: “Sindicato da Morte”, espécie de grupo o qual congrega capangas que fornecem proteção e segurança à elite, além de ser usado, também, para eliminar pessoas que a ameaça, como no caso do Homem do balcão. Essas e outras questões, oriundas das contradições sociais do Nordeste brasileiro, reduzidas estruturalmente em solo das Alagoas, fazem de *Ninho de Cobras* um dos textos mais lidos, discutidos e criticados da nossa tradição literária. Para a construção desse trabalho, fizemos uso de uma metodologia qualitativa e de procedimentos indutivos e descritivo-interpretativos além de, nos entremeios do texto, emergirem algumas categorias propostos por Antonio Candido (2004) e (2006), sobremaneira, explicitadas nas discussões em torno da relação Literatura e Subdesenvolvimento. Quanto à categoria espaço, partimos de algumas considerações já sinalizadas a partir do romance em discussão, em pesquisa realizada por Márcio Ferreira da Silva (2002).

**PALAVRAS-CHAVE:** *NINHO DE COBRAS*; ROMANCE; ESPAÇO URBANO; LITERATURA E SOCIEDADE.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi escrito em co-autoria com meus orientandos de Iniciação Científica, iniciantes nas Letras do Campus V da UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS - UNEAL, bolsistas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL: **Jaciane Nogueira Cavalcante, Gileno Alves de Lima, Jaiane Silva de Lima e Misleide da Silva Medeiros.**

<sup>2</sup> Professor Assistente de Literatura Luso-Brasileira e Teoria da Literatura da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL/Campus V – União dos Palmares/Departamento de Letras/[www.uneal.edu.br](http://www.uneal.edu.br), Líder do NUPEL – Núcleo de Pesquisa em Literatura, cadastrado pelo CNPq. **Endereço para Correspondência:** Rua Comendador Luiz Jardim, 27, Bloco I, Apartamento 202, Bairro Gruta de Lourdes, CEP 57052-760, Maceió, Alagoas, Brasil. Endereço Eletrônico: [jairo.potiguar@hotmail.com](mailto:jairo.potiguar@hotmail.com)

# *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

## **Introdução**

O presente texto apresenta os resultados parciais de uma experiência com iniciação científica junto ao Núcleo de Pesquisa em Literatura – NUPEL/CAMPUS V/UNEAL, a partir de um projeto que estamos desenvolvendo há um ano e meio, com oficinas coletivas de leituras literárias, realizadas semanalmente, cujo objetivo reside na necessidade de tentar (re)construir momentos de vivência com a arte literária, a partir do recorte de cinco romances de autoria alagoana. Justificamos que a escolha do *corpora* se deu não pelo fato de quisermos criar o chamado bairrismo literário, todavia pelo desejo de aproximar o/a alagoano/a de sua literatura, visto que, com a experiência de professor universitário em Alagoas há quase seis anos, pudemos perceber o distanciamento da literatura que o/a aluno/a de Letras tem apresentado, sobremaneira, da literatura produzida em solo Caeté.

Como tão bem frisou o escritor Lêdo Ivo, hoje residente no Rio de Janeiro, em carta datilografada em papel timbrado da Academia Brasileira de Letras - ABL e destinada ao nosso Núcleo, logo no início da pesquisa, há “[...]a necessidade de os estudantes universitários estudarem a formação cultural de Alagoas, especialmente na área da criação poética e literária, e seus autores e obras[...]”, nessa medida, acreditamos estar contribuindo com a disseminação cultural e literária, com vistas ao processo global de formação humana.

A nossa reflexão neste ensaio de escrita está dividida em três partes: 1- Uma reflexão panorâmica acerca da relação literatura e ensino, destacando a necessidade de formação de leitores proficientes, sensíveis e capazes de interagir, dialeticamente, com a obra que foi

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

produzida por outrem, elucidando o princípio da literatura como sistema, proposto por CANDIDO (2000). 2- Recuperaremos a fábula do romance situando o leitor dentro da estrutura do enredo de *Ninho de Cobras*. 3- Mostraremos o espaço alagoano, reduzido estruturalmente dentro da capital Maceió, a partir da visão do narrador de Lêdo Ivo, onde o autor (re)constrói, esteticamente, um aguçado olhar acerca das contradições socioeconômicas da Maceió de décadas atrás, na qual imperava “a lei do salve-se quem puder”, fruto, também, da lógica perversa do capitalismo selvagem a que estamos submetidos.

### **Oficinas de leitura literária: possibilidades concretas de (re)construir o ato de ler**

Hoje estou mais do que convencido de que o ler, por si só, não resolve e nem muda nada. É preciso ler e fazer – ler a realidade e fazer o acontecimento, mudar as circunstâncias: plantar ações que deixem resíduos na história e na vida das pessoas. Ezequiel Theodoro da Silva (1997, pág. 24).

Antes de começarmos a abordar o tema desta parte de nossa reflexão, acreditamos ser prudente trazer o posicionamento do professor Antonio Candido, em entrevista dada à Revista *Agitação*, Ano X, número 33, set./out. de 2003, publicação do CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola, quando questionado sobre a dificuldade de acesso à leitura pelo jovem estudante brasileiro:

Para um homem da minha geração, o livro é condição de cultura, por isso é inquietante a perda do hábito da leitura. É desagradável saber que só na cidade de Buenos Aires há mais livrarias do que em todo o Brasil, cuja população é cinco vezes maior do que da Argentina. Quanto aos livros, é bom distinguir entre os que podem ser chamados “informativos”, ou “informadores”, e os “formativos”, ou “formadores”. Os primeiros são, por exemplo, os didáticos, de uso obrigatório na escola, e a grande maioria não vai além deles. “Formativos” são os que lemos por gosto ou para aprofundar o saber. Quando são de literatura, a sua ação nem sempre é definida, porque podem atuar sobretudo nas camadas profundas da mente, de modo que não sabemos avaliar com precisão o seu efeito, que no entanto é muito grande. (Pág.47-48).

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Pois bem, há muito se discute o papel do Estado, da escola e da família na formação do leitor brasileiro. O fato é que ainda não possuímos uma política de disseminação da leitura e, tal realidade, nos parece ser intencional por parte daqueles que têm planejado o nosso destino. A nossa realidade é que as escolas não possuem bibliotecas públicas e quando possuem não há um profissional de biblioteconomia, devidamente preparado, para organizar o acervo, disponibilizar os livros, facilitar a vida do leitor, “sacudir” a biblioteca com projetos alternativos de leitura e escrita, enfim, viabilizar o funcionamento harmônico da biblioteca com vistas à formação do leitor que o mundo moderno espera.

Por outro lado, os professores de língua materna da educação básica, quase sempre, mesmo diante dos avanços e discussões empreendidas em torno da linguagem e do ensino de língua vernácula, estão demasiadamente apegados a velhos modelos de ensino, ainda calcado no uso de regras gramaticais desconexas da harmonia da língua, cujo resultado é o que tem se observado por aí, em algumas regiões do Brasil o problema torna-se ainda mais complexo: o verdadeiro distanciamento do aluno da educação básica dos livros. Portanto, há uma necessidade emergencial de se começar a formar o olhar proficiente do leitor, capaz de interagir, criticamente/conscientemente, com o produtor do texto.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Os textos seguintes, frutos de pesquisas realizadas por nós, trazem reflexões contundentes acerca desta questão: O ENSINO DE LITERATURA BRASILEIRA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO DOS MUNICÍPIOS DE UNIÃO DOS PALMARES E SÃO JOSÉ DA LAJE – ALAGOAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA, publicado nos Anais da V SELLP – Semana de Estudos Lingüísticos e Literários de Pau dos Ferros RN, Mossoró-RN : Queima Bucha, 2006. O ENSINO DE LITERATURA BRASILEIRA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO DOS MUNICÍPIOS DE UNIÃO DOS PALMARES E SÃO JOSÉ DA LAJE – ALAGOAS: OLHARES DOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM, publicado nos Anais do 18º. EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. Maceió : Editora da UFAL, 2007 e UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA, publicado nos Anais do XVIII Fórum Acadêmico de Letras. Queima Bucha : Mossoró-RN, 2007.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Ainda neste sentido, recordamo-nos da discussão literatura como sistema, proposta por Candido (2000), onde ele estabelece o princípio de que a literatura de um país somente poderá ser tratada como tal, caso se concretize a harmonia **produtor X obra X leitor**. Como pensar nisso, no caso do Brasil, se possuímos excelentes autores, grandes obras, algumas já consideradas universais, entretanto, salvo as exceções, o leitor/apreciador ainda está em formação, além de, a todo momento, estarmos sendo bombardeados com a indústria imagem e do visual que também tem ajudado a colocar em xeque a formação desse leitor. É nesse diálogo permanente do tripé já referido que

[...]a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária, - espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização. (Grifo nosso) (CANDIDO, 2000, pág. 24).

Nessa medida, talvez seja interessante destacar que um dos elementos que podem corroborar a lógica distanciadora do estudante brasileiro do ato de ler, também e em certo ponto, seja a figura do professor. Quem é o professor brasileiro de Língua Materna? Qual a sua formação inicial? Há uma política de desenvolvimento de sua formação continuada? O professor pode investir na assinatura de um periódico, na aquisição de livros, de músicas, de filmes? Em tendo, no geral, está se privilegiando a aquisição desse material? Há uma política de disseminação cultural no Brasil, de formação inicial de leitores dentro das famílias? O livro é encontrado com facilidade e por um preço compatível à média salarial de nosso professor?

Respondendo a esses questionamentos, observamos que a formação do hábito de ler do brasileiro está indo na contramão do que deveria ser feito. É como se houvesse posto em nosso inconsciente coletivo, ao longo da nossa formação, que a atividade de ler é uma coisa desnecessária, sem serventia, por conseguinte, deixada para segundo plano. Por que investir

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

na leitura e na formação cultural do povo brasileiro se ainda encontramos pessoas desdentadas, com impinge, sem ter o que comer, sem ter casa pra morar, sem ter saneamento básico, onde a mortalidade infantil e a violência continuam a dizimar, em grande quantidade, uma significativa parte de nossa população pobre?

Assim o sendo, em plexo século XXI, na chamada sociedade do conhecimento, milhões de trabalhadores brasileiros continuam vendo seus filhos dizimados pela indústria da violência, do crime, das drogas e ainda distantes da escola, da formação básica (apesar do ensino fundamental ser obrigatório), do ato de ler, reproduzindo a idéia marcante do capitalismo: a cada dia, o rico acumula mais riqueza e o pobre mais pobreza.

Urge a necessidade da escola brasileira rever sua posição, romper paradigmas, sair do arcaísmo, acompanhar o bonde da história e começar a estabelecer uma nova lógica. Em sendo assim e com o desejo de driblar os problemas no tocante à formação do prazer de ler no ambiente universitário é que temos desenvolvido, há quase dois anos, com o objetivo, entre outros, de suprir uma necessidade de leitura que a educação básica não conseguiu dá conta, um projeto de oficinas de leitura literária cujo recorte, no presente momento, delimitou-se a partir de cinco romances de autoria alagoana, a fim de começarmos a desenvolver um projeto de leitura de ficção com vistas à formação de um leitor crítico no ambiente acadêmico.

A experiência tem sido muito agradável e proveitosa na medida em que, a cada romance lido, percebe-se o crescimento intelectual, a maturidade do olhar dos alunos no que diz respeito, por exemplo, a observação das artimanhas do narrador, da construção dos personagens, estabelecendo relações do todo com as partes e das partes com o todo dos romances. Os participantes do projeto têm sido estimulados a ler outros textos desses e de

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

outros autores da tradição literária luso-brasileira e já começam a se interessar por livros sem, necessariamente, ter a exigência ou a orientação dos professores.

Outro fator de suma importância que não podemos deixar passar despercebido é que a expressão escrita, paralela às atividades de leitura, também têm sido exercitada, visto que, logo depois de concluída a leitura de cada romance, realizamos o levantamento da fortuna crítica já produzida acerca das obras em evidência, seguindo da concretização de um ensaio de escrita, até então produzido em co-autoria, seguido da (re)escrita do texto a ser submetido a um evento acadêmico-científico.<sup>4</sup>

Somos sabedores de que uma ação acadêmica desse nível não resolverá o problema do acesso à leitura literária em Alagoas e no Brasil. Precisamos de mais profissionais da educação empenhados e comprometidos com essa causa para que, num futuro próximo, as coisas comecem a mudar o rumo. Precisamos de um maior empenho do Governo Federal brasileiro no sentido de viabilizar projetos alternativos de leitura e escrita, precisamos reeducar as nossas famílias no sentido de, ao invés de presentear os seus filhos com um revolver de brinquedo, poder oferecer um livro presente e, assim, como a personagem de Clarice Lispector, no conto *Felicidade Clandestina*, possamos nos enamorar com livro, dormir com o livro, transformar o livro em algo gostoso, prazeroso, rico, capaz de mudar a história de vida de milhões de brasileiros espalhados por esse país de dimensão continental.

---

<sup>4</sup> O resultado da leitura de *O Anjo*, de Jorge de Lima, foi apresentado e publicado nos Anais do I SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa, realizado na USP – Universidade de São Paulo, no final de 2008. O nosso texto sobre *Angústia*, de Graciliano Ramos, será publicado pelos anais do I CONLID – Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso, sediado pela Faculdade de Letras e Artes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Estamos em fase de conclusão do texto de análise do romance *Lãs ao Vento*, de Arriete Vilela, para concluirmos a nossa pesquisa com o trabalho de leitura do romance *Dunas*, de Breno Accioly, seguindo da construção do texto de análise do romance.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Caso a sociedade brasileira não compreenda a necessidade da mudança, certamente, ainda teremos, por anos a fio, a disseminação da miséria, do analfabetismo, da falta de conhecimento, cuja lógica exerce papel preponderante na escolha de nossos representantes políticos que, a cada ano, aumenta a leva de políticos desonestos e faz eclodir nos quatro cantos do mundo, a nossa história de crime político, desmando e desrespeito à coisa pública, cuja ação parece ser estimulada pelo poder judiciário que também não tem sido sinônimo de credibilidade junto à sociedade brasileira.

Também através do saber, do conhecimento da língua, da relação harmoniosa leitor X livro, da função humanizadora do texto literário em nossa vida é que teremos uma sociedade melhor, mais humana, mais igual, mais justa. Uma verdadeira sociedade do conhecimento.

No mínimo, acreditamos no poder da escola e do professor, pensamos que, apesar de tudo, ainda é possível sonhar e implantar, com alunos e professores reais, a escola que gostaríamos de ter. (ALVES, 2006, pág. 123-124).

### **Bem-vindos à trama de *Ninho de Cobras***

[...]embora filha do mundo, a obra é um mundo[...]

(CANDIDO, 2004, pág. 105).

O romance começa narrando a história de uma raposa, que vinda das matas, percorria, desnorreada, durante a madrugada, as ruas do centro de Maceió. E como se estivesse atraída pelo forte cheiro do mar, permanecia vagando na paisagem urbana da capital alagoana, marcada por um cenário histórico, até atingir a imensidão das águas esverdeadas, fazendo com que suas patas pudessem tocar, pela primeira vez, a areia da praia, além de provar, com a pontinha da língua, a água salgada do mar.



## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

À medida que a raposa vai andando, o narrador em terceira pessoa vai realizando a descrição do centro da cidade, dando ênfase aos cemitérios do Trapiche, a Ladeira dos Martírios que dá acesso ao Palácio Floriando Peixoto, a Rua do Comércio... Interessante destacar que o narrador, a partir daqui, procura fazer referência ao cheiro doce que a brisa levanta, dada a aproximação do centro com os armazéns do Jaraguá, local usado, por muitos anos, para armazenar o açúcar que seria transportado pelos navios que saíam, cotidianamente, levando a riqueza produzida por Alagoas. [...] Os homens e mulheres dormiam. Cheirando a suor, a esperma, ao açúcar que há séculos escorria da paisagem, [...] (pág. 12)<sup>5</sup>

A presença daquele animal vagando pelo centro da cidade souou mal a um guarda noturno, quando, sentindo-se ameaçado, surpreendentemente, com instrumentos de ferro, acabou por desfigurá-la com violentos golpes.

E, num fiapo de tempo, bem menor do que aquele em que um estilhaço de estrela resvala no céu escuro e cego, a raposa conheceu a morte, [...] Era a morte que, incandescente e perversa, alcançava, alterando a sua inconfundível beleza animal, tumultuando-lhe o sangue, destruindo a sua ardente harmonia de movimentos, tornando vítrea a sua visão da manhã cristalina e fantasmagórica. (Pág. 20).

O dia já estava claro por completo quando seu cadáver foi colocado em uma carroça de lixo, boatos se espalhavam sobre o surgimento e abatimento daquele animal indefeso. Momento em que entra em cena Alexandre Viana, personagem de grande ênfase no desenrolar do enredo, que morrera naquela mesma madrugada.

O capítulo seguinte abordará o professor Serafim Gonçalves, grande advogado das Alagoas, casado com moça de família chamada Ligia Tavares, filha do velho senhor de engenho coronel Tavares. Serafim tinha o *status* de advogado mais gordo do Estado. Formou-

---

<sup>5</sup> Todas as referências da obra em tela foram retiradas da seguinte referência: IVO, Lêdo. **Ninho de Cobras**. 3 ed. Rio de Janeiro : Topbooks, 1997. Doravante, informaremos, apenas, o número da página.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

se em direito na Faculdade do Recife, logo após, voltou para Maceió, que não era sua cidade natal, pois, nascera em Penedo, trouxe consigo a decisão de ingressar na carreira política, mas depois de um novo regime imposto por Vargas, seus planos foram adiados.

Foi convidado a ensinar na Faculdade de Direito de Alagoas, tornava-se cada vez mais notável por dois motivos: a sua profissão e a sua gordura. Em uma de suas idas a faculdade onde trabalhava, mostrou-se explícito o deslumbramento do professor ao ver um marinheiro loiro, norte-americano, que cruzou seu caminho. A imagem daquele homem fazia com que ele se sentisse perturbado e distraído ao tentar dar sua aula.

[...] o professor Serafim Gonçalves voltou a cabeça. Pela calçada passava um marinheiro louro. Parou para vê-lo, e depois não saberia dizer quanto durara a contemplação. Um aluno arrancou-o do devaneio inconfessável:

- É um navio de guerra norte-americano que está no porto.

Durante a aula inteira, o professor Serafim Gonçalves mostrou-se distraído. As palavras fugiam-lhe. E seu pensamento desinquieto seguia o marinheiro desconhecido que, vindo de longes terras, se atravessara em seu caminho, perturbando-o. (pág. 35).

Desse momento em diante, o autor, através dos elementos estruturantes da narrativa, começa a fazer referência à morte de Alexandre Viana, que tirou a sua própria vida com um único disparo, por não mais suportar uma situação-problema que o absorvera. Era um homem público e vivia um casamento de aparências com Alice, sua namorada de infância, com quem teve um filho chamado Otavio. Arrumara também uma amante de nome Enaura, que conheceu na agência aérea que ele gerenciava. A sua esposa descobrira a traição após receber uma carta anônima. Em uma das noites, ao sair da casa de sua amante, caminhou até chegar à agência e, ao abrir a gaveta, deu de cara com uma pistola que havia comprado há anos.

Naquele momento, uma cena de sua infância veio à mente, lembrou-se de quando caiu da escada do orfanato que estudava na euforia de ver o novo circo que acabara de chegar à

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

cidade, onde viu animais enjaulados o que o levou a perceber que era assim que se sentia: como um animal preso. Após voltar de seu transe, estava disposto a pagar qualquer preço para se sentir livre, foi então que um barulho de tiro ecoou naquele lugar que se tornava mais vazio do que nunca. Um clima de medo e insegurança passou a existir dentro da “verdade” da obra após a morte de Alexandre, pois as pessoas não sabiam ao certo se fora realmente suicídio ou mais uma ação realizada pelo “Sindicato da Morte”, espécie de grupo de extermínio, formado por homens, instrumentalizados por seus patrões, que tinha o objetivo tirar a vida das presas que, por alguma ordem, afetaram ou colocaram em risco o poder de uns poucos.

Nessa trama, ganha enlevo, também, um personagem que morava sozinho em um quarto alugado no Palácio Velho, trabalhava como balconista de um armazém, onde seus olhos enxergavam navios e seus ouvidos escutavam os apitos anunciando partidas e chegadas. Quando criança estudou em um orfanato, onde aprendera algumas regras gramaticais, podendo desempenhar melhor o seu verdadeiro ofício: escrever cartas anônimas, revelando segredos, denunciando tudo o que se fazia às escondidas na cidade. Mas não era no balcão do armazém que ele escrevia suas cartas, ali, limitava-se apenas a escutar as conversas e tentava imaginar como ficariam as frases que haveria de escrever à noite, sentado à mesinha de seu quarto. Durante as suas andanças pela cidade, buscava prestar atenção em cada passo, gesto ou conversa que lhe pudesse ser útil às suas denúncias escritas.

No cemitério, onde várias pessoas conduziam o corpo de Viana, o homem do balcão se fazia presente, pois não perderia a oportunidade de adquirir mote e escrever novas cartas anônimas. Enquanto alguns homens lamentavam e questionavam o suicídio do falecido, outros narravam histórias que envolviam jovens meninas iludidas, usadas como objeto de prazer sexual pelos privilegiados economicamente.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Próximo à cova que estava sendo fechada, o professor Serafim Gonçalves cumprimentava Hortêncio, um anão comerciante e banqueiro do jogo do bicho, apontado como um dos chefes do “Sindicato da morte”, que estava acompanhado por seu capanga, um pistoleiro ruivo chamado de Botelho Ferro, que, em certo momento, parecia incomodar o bacharel, sabe lá porque, uma vez que se sentia intimidado por aquele olhar enigmático. Após sair do cemitério, Hortêncio se deparou com o homem do balcão, passou a olhá-lo da mesma forma como a dos policiais, quando encontraram a raposa cujo triste fim já fora detalhado.

Em seguida, o banqueiro se encaminhou à pensão da Dina, famosa casa de prostituição da cidade, onde ocorria uma grande festa e reunia figuras notáveis de Alagoas, que estavam na companhia de caloteiros de alto calibre, marinheiros de um navio norte-americano, prostitutas, poetas, políticos, representantes da lei, grandes empresários, entre outros. Todos ali se divertiam, bebiam e comiam, ouviam músicas e dançavam, falavam da vida alheia, enfim, parecia não mais se importarem com a morte do amigo. Interessante destacar que nesse espaço, encontravam-se pessoas de todos os níveis e camadas sociais, possivelmente, o autor quis mimetizar que, nessas horas, ricos e pobres, prostitutas e homens casados, turistas e alagoanos, ordem e desordem, os representantes da lei e os fora da lei se juntam, dialogam.

[...] a festa só terminou ao pintar da aurora, quando um grupo alugou automóveis e foi tomar banho no Catolé – homens e mulheres nus, de acordo com a melhor tradição alagoana, ciosa da nostalgia do paraíso terrestre.[...] a festa acabara mesmo na pensão da Dina, quase claro. Alguém gritara, de repente, [...] “Todo mundo nu!” E homens e mulheres bem comidos e bebidos tiraram as roupas e, no ambiente protegido pela presença de Piolho de Onça, que não permitia a entrada de estranhos – alegando que a pensão da Dina fora alugada, naquela noite, a um grupo seleta da sociedade alagoana, [...]

O salão se esvaziava. Os galos anunciavam que o dia iniciara a sua mancha nas trevas. [...]E, nus, homens e mulheres patinhavam na água fria e envolvente, e quase verde, ou sumiam pelos matos, pagãos, entre risos e gritos. E a suruba, transformando os homens em sátiros, e o mulherio em ninfas, dava a Alagoas, naquela silvestre e matinal aurora de róseos dedos, uma dignidade mitológica. (Pág. 114-115).

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

O homem do balcão tinha agora o seu destino traçado, caíra nas garras do “Sindicato da Morte”, fora descoberto autor das cartas secretas e o seu nome constava, agora, em um livro negro, de onde dificilmente seria retirado. Clareava o dia quando o seu sono fora interrompido por passos cautelosos, imaginara ser seu pai que retornava depois de tanto tempo de rejeição, mas percebeu o engano quando foi surpreendido por homens, que o conduziram até uma sala, onde foi humilhado e torturado, passou a se sentir abandonado e sozinho, convivendo apenas com as lembranças de seus pais e de sua infância.

Inexplicavelmente, regressou ao quarto do Palácio Velho, o medo mais uma vez apoderou-se de si, quando recebeu um visitante misterioso que o fez sentir-se como a raposa, perseguida e encurralada. Não se sabe ao certo a verdade onde ocorrera a morte da personagem em discussão, visto que é como se ele vivesse duas mortes, uma em seu quarto no Palácio Velho e outra nas grades de uma delegacia, tamanho é o estado de transe que o narrador deixa no ar. Sabe-se que é uma cena de tortura que o conduz à morte.

Vejamos um excerto, extraído do final do romance onde ilustra o que estamos falando:

Num intervalo entre a claridade e a escuridão, sentiu-se de cabeça para baixo. [...] Ele estava suspenso no teto, como uma luminária. [...] E debaixo de todas as camas havia lacraias. Maceió era um grande cemitério. (Grifo nosso) O mundo rodopiava. O mundo era um pião rodando numa calçada.[...]

[...]

[...]O medo apoderou-se dele, não queria gritar nem interpelar o visitante misterioso. [...] Coberto de suor, encolheu-se na cama. [...] Tinha vontade de urinar. *Eminente conterrâneo... Alexandre Viana não se suicidou. Foi assassinado pelo Sindicato da Morte. A polícia sabe mais não...*

[...]

Fechou os olhos – mesmo que quisesse gritar, agora, as palavras não saíam mais de sua boca. [...]. O seu insensato amor à vida transformou-o num bicho, talvez numa raposa. [...] E era o dia do caçador que emergia das trevas. Entre o pânico e a dor [...] ele se foi afastando vertiginosamente de si mesmo, e a própria dor calcinante se distanciava, levando-o com ela ou deixando-o abandonado na escuridão absoluta. (Pág. 163-164).

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

### **Ninho de Cobras: uma (re)criação espacial da capital das Alagoas**

No fundo somos gente-sururu e por isso trazemos nos olhos as imagens de todas as águas.

Edson Bezerra (2008, pág. 26).

Tentar-se-á, aqui, ao longo desta parte do presente texto, aplicar o conceito de (CANDIDO, 2004, pág. 09) chamado de *redução estrutural*, apresentado no prefácio do livro *O discurso e a cidade*, momento em que o crítico realiza a análise de alguns textos onde há

[...] alguns casos [...] de *redução estrutural* isto é, o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo com que esta seja estudada em si mesma, como algo autónomo. [...] é fazer uma crítica integradora, capaz de *mostrar* (não apenas enunciar teoricamente, como é o hábito) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser. No entanto, natureza, sociedade e ser parecem presentes [...] tanto assim que o leitor tem a impressão de estar em contacto com realidades vitais, de estar aprendendo, participando, aceitando ou negando, como se estivesse envolvido nos problemas que eles suscitam. [...]

Pois bem, a categoria espaço, dentro da estrutura da narrativa, já fora estudado por vários olhares e pintado com várias cores. Na verdade, essa categoria, como as outras estruturantes da narrativa, somente ganha enlevo dentro do texto literário, momento em que o leitor passa a ver essa construção dentro da “verdade” criada pelo artista, a partir do resultado de sua criação. É nesse lugar que as personagens são criadas, andam, falam, comportam-se, vivem, morrem, recebem influências e/ou influenciam o meio. É nesse lugar, antes de mais nada ideológico, onde as personagens sonham, acreditam na construção de dias melhores ou são ceifadas desse direito e, simplesmente, são levadas por uma lógica estabelecida, comumente planejada por aqueles privilegiados que detém a estrutura do poder em suas mãos.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Em (SILVA, 2002, pág. 18), encontramos a palavra desfiguração, usada pelo crítico, para caracterizar a cidade de Maceió, (re)criada esteticamente em *Ninho de Cobras*:

O termo desfiguração, que tomamos por apropriação, pode ser relacionado ao ato de “alterar, adulterar, deturpar a figura [...] uma vez que em *Ninho de Cobras* há uma relação entre os objetos representados e a desarticulação e composição da paisagem e dos personagens. [...]

Na verdade, a desfiguração do espaço constitui na obra de Lêdo Ivo, uma forma estética de desarticulação e deslocamento dos objetos representados, que perdem sua composição harmônica e adquirem um corte que deforma e enfeia [...]

Como SILVA(2002), também tivemos essa mesma impressão ao invadir o terreno literário do romance em discussão. Lêdo Ivo, com muita consciência de onde queria chegar, (des)constrói/(re)constrói determinados paradigmas, deslocando elementos e criando, em certa medida, algo meio que surreal, a exemplo da raposa que deveria estar na mata e encontrar-se, logo no primeiro capítulo, perdida em um centro urbano. Segundo SILVA, (2002), personagens estranhos como a raposa dá um tônus de desfiguração e deslocamento à narrativa, como se quisesse mostrar uma face quebrada, disforme de Maceió.

Nessa compreensão, o romance *Ninho de Cobras* nos leva a embarcar numa viagem ao longo da história do Estado de Alagoas, do seu espaço físico até fatos importantes ocorridos nesse cenário, como a morte do Bispo Sardinha, devorado por índios Caetés, a visita de Dom Pedro II, a história dos marechais... O romance, escrito numa época de ditadura, do Estado Novo de Getúlio Vargas, materializa-se, também, a partir do deslocamento de um animal, que ao chegar em outro lugar, o centro de Maceió, é morto a pauladas por policias, o que poderia metaforizar uma afronta à liberdade.

O narrador é impessoal, onisciente e acompanha os passos das personagens. Nesse bordado literário, o autor foge, em certa medida, às regras de que um texto deva agradar aos

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

seus leitores, uma vez que ele denunciou o que havia por trás da máscara de uma sociedade que há muito se intitula como sendo sinônimo de integridade moral e outras coisas mais.<sup>6</sup>

No entanto, uma sociedade onde a riqueza material comprava (e ainda compra) tudo, desde o respeito e admiração ao poder sobre os demais, uma sociedade em que, ainda, prevalece a lei do mais forte, a demonstração disso está no fato de homens serem pagos para matar, sendo a vítima culpada ou não e, ainda assim, saírem impunes perante a lei; uma sociedade, cujos assassinos e juízes, pescadores e banqueiros, engraxates e prostitutas, em determinados momentos, são postos no mesmo patamar de igualdade, onde homens fazem questão de ostentar falas acerca da exploração feminina, para demonstrarem sua virilidade, embora às escondidas, eles também façam uso de outras formas, consideradas em seus discursos, como sendo feias e pecaminosas ao *status* do universo do homem.

Para denunciar o comportamento de tal sociedade<sup>7</sup>, Lêdo Ivo faz uso de personagens a exemplo do homem do balcão, o mesmo pode ter sido assassinado pelo “Sindicato da Morte”, como uma espécie de queima de arquivo. Comparando sua morte com a da raposa, ambos têm

---

<sup>6</sup> Nesse pequeno intervalo em que estamos residindo em Alagoas, já deu para entender o porquê da obra em discussão não ter sido bem vinda em algumas esferas da classe média e alta alagoana. Algumas pessoas não gostaram, por exemplo, da metáfora que intitula o romance, além de desgostarem, também, da crítica-denúncia que Lêdo Ivo faz a seu Estado de origem. Todavia, há muito se sabe, que o conteúdo literário é um resultado simbólico e deformador da realidade. (CANDIDO, 2006).

<sup>7</sup> Essa relação do que é produzido/idealizado por um determinado artista e como é recebido pelo público leitor, talvez seja melhor esclarecida a partir dessa compreensão de Antonio Candido (2006, pág. 83-84): “[...] o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos) mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma de sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público”. Nesse sentido, imaginamos que é exatamente esse diálogo que Lêdo Ivo realiza, nem sempre agradando a todos os leitores, mas simplesmente proporcionando essa tensão necessária entre o escritor, a obra e o leitor.



## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

suas vidas ceifadas por desafiarem o controle existente na cidade, são perseguidos, acuados e ameaçados, homem e animal iguais perante a violência da cidade.

Como a grande parte dos autores nordestinos, Lêdo enfoca a desigualdade social, o capitalismo que divide uma única nação em duas: a dos ricos e a dos pobres. O autor denuncia o casamento por interesse, a partir do personagem Serafim Gonçalves, que casa-se com Lígia Tavares, filha de um influente coronel, simplesmente para ter o apoio de seu sogro e facilitar a sua projeção eleitoral, além de tal situação poder conferir-lhe *status* de homem “comedor” de mulheres, aquilo que, exatamente, a sociedade patriarcal brasileira, preconceituosa por excelência, determinou como certo.

Nos entremeios do romance é feita, ainda, uma crítica ao serviço de saúde pública, ao citar que o enfermeiro era um servente do hospital, que de tanto olhar o verdadeiro enfermeiro prático, que também havia sido servente, aprendeu os requisitos básicos de tal função, o que nos leva a crer que, nesse retrato alagoano de sociedade, qualquer um poderia exercer tal posto, pondo em risco a vida dos pacientes pobres, isso porque os ricos sempre puderam, em casos como esses, saírem até Recife, São Paulo, entre outros centros e buscarem tratamento para as suas chagas.

Tal discussão entra em cena com alguns *flashbacks* que servem para resgatar as memórias dos personagens, entre elas, a de uma prostituta interna nesse mesmo hospital para tratar de uma DST. Ela recorda-se de sua vida sofrida quando fugiu da seca junto com sua família na esperança de encontrar melhores condições de vida na cidade e, aos poucos, foi ingressando numa vida de prostituição, começa então a vagar mundo a fora, se amiga com homens e os abandona. Tal mulher traz consigo o sonho de melhorar de vida e obter *status* social, sonho esse apresentado através da referência feita a um roupão que havia ganhado de

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

um de seus amantes, essa peça lhe trazia a sensação de qualificação social, uma vez que acreditava que as madames da alta sociedade usavam peças como aquela.

Quantos rapazes e moças das cidades provincianas desse país, por não possuírem uma boa condição financeira, acabam entregando-se a prostituição para sobreviver ou deixam-se iludir facilmente por terceiros? Além de encararem a barreira do preconceito, ainda têm que enfrentar os riscos da vida, o que não são poucos. Quantos de nossos conterrâneos não se atiram mundo a fora na busca por melhores condições de sobrevivência, homens e mulheres, mulheres e homens, rumo à Europa, por exemplo, para venderem o corpo e se prostituírem? Por outro lado, ao fazer referência ao navio de guerra norte-americano atracado no porto de Maceió, o autor pode mimetizar o Brasil como uma nação invadida e ocupada, periférica e dependente, podendo assim, representar as empresas multinacionais que, aos poucos, vão tomando o nosso espaço.

A metáfora acerca do título da obra pode ser entendida como uma referência aos alagoanos que amam sua terra, assim como as cobras amam seus ninhos, uma vez que, Lêdo Ivo revelou-se, através de sua literatura, um assíduo defensor de sua terra-natal, e faz uso da imagem da mesma para denunciar o abuso cometido pela elite sobre os menos favorecidos. No entanto, ao observarmos a seguinte passagem “- Maceió é um grande cemitério. No fundo, todos nós já estamos enterrados. [...] E amavam o calor daquela paisagem como as cobras amam seus ninhos de pedra”. (Pág. 94). Podemos depreender que o ninho dos alagoanos vitimados pela indústria do crime e pelo sistema opressor, seria o cemitério, no caso das cobras, são as pedras, para os alagoanos, as pedras seriam os concretos das lápides onde eram enterradas vítimas de suicídio, como o caso de Alexandre Viana ou de homicídios

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

proporcionados pela indústria do crime através do “Sindicato da Morte”, como ainda hoje é uma realidade que a segurança e o poder constituído ainda não souberam exterminar.

Toda essa lógica desenvolvida ao longo da obra lediana, mais especificamente em *Ninho de Cobras*, publicada pela primeira vez em 1973, constitui-se uma verdadeira demonstração da compreensão de nossos intelectuais brasileiros que, depois de saírem daquela fase de um nacionalismo ufanista cujo enfoque era “terra bela-pátria grande” (CANDIDO, 2006, Pag. 171), do início da nossa formação, se envolveram numa atmosfera de reconhecer o nosso processo de debilidade, de atrofia, de miséria, transformando em forma, todo esse conteúdo que, com muita propriedade, fora muito bem mimetizado por nossos artistas a partir de 1930, manifestando-se, ainda mais às claras, a partir da década de 1950, pós a segunda Guerra Mundial, com todos os seus desdobramentos.

Dessa maneira, a

[...] consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante. A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro [...] o traumatismo causado na consciência pela verificação de quanto o atraso é catastrófico suscita reformulações políticas. [...] Daí a disposição de combate que se alastra pelo continente, tornando a idéia de subdesenvolvimento uma força propulsora, que dá novo cunho ao tradicional empenho político dos nossos intelectuais. (CANDIDO, 2006, Pag. 171).

Uma genuína demonstração dessa consciência do atraso e da grande discrepância sócio-econômica reinante em Alagoas, representadas nas linhas do romance, se ainda não conseguimos deixar clara nessa parte de nossa reflexão, seria a sena a seguir:

[...] Nesse tempo, já morava na Avenida da Paz, defronte ao mar, numa casa apalacetada. Na sala de entrada, instalara o escritório. Nos dias e noites de muito calor, abria as quatro janelas do escritório, que olhava para o mar, e os passantes poderiam ver a sua biblioteca jurídica, uma das melhores do Estado, o que representava mais um fator de segurança para os seus constituintes, que apreciavam a diligência e erudição de seu defensor. [...] (Pág. 31).

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Nesse excerto, evidencia-se o poder concentrado nas mãos de poucos em detrimento da maioria que vive das migalhas e sobras. Sem falar na representação da disseminação da lógica do “olho gordo”, metaforizada na cena do exibicionismo da biblioteca do professor. Ora, se hoje, em pleno século XXI, com todo o processo de melhorias implantadas pelo Governo Federal, além da evolução natural viabilizada pela indústria do conhecimento e da conseqüente transformação das coisas, intensificada pelos meios de comunicação, Alagoas continua sendo recordista em analfabetismo, violência, pobreza generalizada, corrupção, entre outras tantas mazelas sociais, imaginemos na década de 70, momento em que o texto foi publicado sob a influência deste contexto, como esse processo era ainda mais forte e criador de mais injustiças.

### **Considerações finais**

Distante de nós a idéia de querermos encerrar o assunto ora posto em discussão. Aqui, caro leitor, você entrou em contato com algumas reflexões oriundas do nosso processo de leitura/discussão realizadas em nossas oficinas de leitura literária sob a contribuição dos estudos Literatura e Sociedade, verticalizado, basicamente, através das grandes contribuições de Antonio Candido de Melo e Souza. Em outro momento e à luz de outras teorias, certamente, iríamos encaminhar a nossa análise por outro viés.

Podem até que as reflexões aqui registradas possam ser rotuladas, posteriormente, de amadoras, iniciantes ou outros adjetivos mais, todavia, é resultado, primeiramente, do esforço de ler, procurar compreender e começar a estabelecer um cruzamento teórico dentro daquilo que consideramos importante.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Pensamos que, independente de qualquer coisa, o nosso objetivo com essa experiência de iniciação científica dentro dos muros da UNEAL tem sido alcançado, gradativamente, na medida em que ousamos aproximar o estudante alagoano, egresso da escola pública também alagoana, da literatura produzida por grandes nomes de nossa tradição literária.

É incrível como através da arte, da magia do simbólico, conseguimos nos identificar com as personagens, compreender as artimanhas do narrador, entrar em contato com um tempo histórico, neste caso, relativamente distante de nós, nos envolvermos com a magia do enredo a ponto de ora sorrirmos, ora nos emocionarmos, ora nos revoltarmos e o melhor, pisar, através do simbólico, do cenário do romance, o mesmo chão que já pisamos cotidianamente e, muitas vezes, não despertamos para tais problemas e reflexões.

Todavia, queremos crer que, no mínimo, através de nossa aproximação com a arte, poderemos, de agora em diante, percorrer o terreno das Alagoas, de forma mais consciente e ousada, conhecedora dessa realidade, comprometida com a minoria e transpondo, através do magistério, o desejo de fazer com que as possas possam iniciar a construção de suas histórias de sucesso. Isso porque compreendemos, também, que através do simbólico, do estético, fortalecemos o nosso conhecimento sobre a cultura e os costumes de um povo, nesse caso específico, a formação da identidade sócio-cultural alagoana.

Lêdo Ivo, com maestria, através do uso consciente da palavra, recheada de metáforas e da conseqüente riqueza de sentidos, nos fez entender a formação do Estado alagoano, sendo isso de forma artística, simbólica, sem criar o chamado romance panfletário, ou seja, aquele autor que usa a literatura, com carga ideológica fortemente marcada, cujo conteúdo sobrepõe-se à forma.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

O desafio está lançado para que, a partir da nossa literatura, galguemos outros degraus e busquemos nos apropriar da riqueza que a arte pode proporcionar na vida das pessoas. No mais, fica a satisfação de termos dado a nossa contribuição para construção de um ambiente intelectualizado, envolvido com as letras e a conseqüente capacidade de acreditar que a linguagem, em todas as suas acepções, é um poderoso instrumento de ascensão social.

Por fim, o Romance *Ninhos de Cobras*, que aqui ousamos analisar, se materializou, primeiramente, a partir da profunda observação da realidade, momento em que o escritor não somente delimitou a capital alagoana, mas referenciou praticamente todo o Estado e aí surge uma outra grande característica lediana: o profundo conhecimento de seu Estado de origem. Tal construção, muito bem recepcionada pela crítica brasileira, nada mais é do que a harmonia do conhecimento social, histórico, geográfico, antropológico e, certamente, do principal poder que é o uso consciente da linguagem literária, proporcionada pela sensibilidade do artista.

### **REFERÊNCIAS**

ACCIOLY, Breno. **Obras Reunidas**. São Paulo: Escrituras, 2000.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Teoria da Literatura, Crítica literária e Ensino. In: **Literatura: da crítica à sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2006.

AGITAÇÃO, Ano X, No. 53, Set./Out. de 2003.

BEZERRA, Edson. **Manifesto Sururu**. In: GRACILIANO. Maceió: CEPAL/Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Ano I, No. 2, Nov. 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Educação pela noite**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. **Formação da Literatura Brasileira**. 6 ed. Belo Horizonte, Vila Rica Editoras Reunidas LTDA, 2000. V. I.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

IVO, Lêdo. **Ninho de Cobras**. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

LIMA, Jorge de. **O Anjo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **O primeiro beijo & outros contos**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

RAMOS, Graciliano Ramos. **Angústia**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

SILVA, Márcio Ferreira da. **A cidade desfigurada**: uma análise do romance *Ninho de Cobras*, de Lêdo Ivo. Maceió: Edições Catavento, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

VILELA, Arriete. **Lãs ao Vento**. Rio de Janeiro: Gryphus; Penedo: Fundação Educacional do Baixo São Francisco Dr. Raimundo Marinho, 2005.